

UM OLHAR ATENTO SOBRE A HISTÓRIA DA POESIA NO BRASIL: “DO BARROCO AO MODERNISMO”, DE PÉRICLES RAMOS

Luciana Pastorini Urbim
Universidade Federal do Rio Grande

*"A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido."
(Walter Benjamin)*

Falar em história da literatura é sempre falar em uma linha do tempo, buscando acompanhar sua trajetória e traçar possíveis caminhos até a atualidade. A primeira atitude de um historiador diante dos inúmeros fragmentos que lhe chegam do passado é, primeiramente, fazer escolhas. Selecionar dentre todo um mar de palavras aquelas que, ao seu critério, devem seguir sendo lembradas e permanecer na memória de todos. A “palavra”, esta corporificação que representa o grande tesouro a ser mantido; a mais alta divindade da literatura, a fundadora do universo criado pela escrita.

E que representante melhor haveria para representá-la senão a poesia? É a escrita lírica que se destaca como o ofício mais íntimo das palavras. Destas pequenas e camaleões peças de xadrez. Ou seriam quebra-cabeças? Seja como for, é através da palavra, principalmente da palavra lírica que se fundará um novo mundo, aproximando-se assim do mito. Para Barrento “no fundo, a poesia está do lado do mito e não da história (...) afirma ser a voz dum princípio anterior à história, a revelação duma palavra originária de fundação (...) o poema é uma máquina de produzir, mesmo sem que o poeta o saiba, anti-história”. (1986, p. 13). Talvez seja por isso que a poesia se mostra tão atemporal, falando através dos séculos sobre o mais íntimo dos homens. Desta matéria da qual somos feitos, que mesmo com o passar dos anos e o advento das invenções se mantém tão semelhante a de nossos antepassados que fundaram o gênero.

Péricles Eugênio da Silva Ramos, crítico e historiador e, sobretudo, poeta, buscou em sua obra reunir uma série de textos, aos quais chamou “estudos”, que revelam um minucioso olhar sobre a história literária brasileira. Elegendo para isso uma personagem constante ao longo da história da literatura brasileira, definida como objeto da análise proposta pelo autor: a poesia.

“Do Barroco ao Modernismo”, publicado originalmente em 1967, foi ganhador do prêmio Jabuti, dois anos depois de seu lançamento, em 1969, na categoria Estudos Literários – Ensaios. Categoria esta que já havia premiado anteriormente Antônio Cândido, em 1966, pela obra “Literatura e sociedade”. Péricles Ramos já havia ganhado outro prêmio Jabuti em 1962, na categoria poesia, com a obra “Maneiras literárias em São Paulo na Época Colonial”. Premiação que também o elegeu “Personalidade literária do ano” em 1972. Outro prêmio recebido pelo poeta e crítico foi o “Prêmio Machado de Assis” da Academia Brasileira de Letras, recebido por ele em 1986 pelo conjunto de sua obra.

Péricles Ramos foi poeta, jornalista, tradutor, ensaísta, professor e crítico literário. A primeira edição da obra publicada em 1967 não se denomina em nenhum momento como história da poesia, pois talvez não fosse essa a pretensão do autor, mas sim a de registrar algumas de suas pesquisas desenvolvidas em artigos publicados no jornal “Estado de São Paulo”. Já a segunda edição, de 1979, trouxe uma revisão e uma ampliação de todo este material. Segundo a nota final, ao término da obra “o trabalho inicial, sobre a poesia barroca, foi inteiramente refundido”, bem como houve outras modificações: “reviram-se os ensaios e acrescentaram-se outros” (RAMOS, 1979, p.307). Acrescentando assim estudos novos, alguns possibilitados pelo acesso a materiais recentes, como, por exemplo, a publicação dos inéditos de Sousândrade que só vieram a público em data posterior a primeira edição. A presente análise apoia-se na segunda edição da obra, lançada em 1979.

Tais fatos e prêmios só vêm confirmar a importância deste intelectual para a cena literária nacional e evidenciar algumas das razões que o marcaram como “um grande crítico e teórico da poesia” (...) “grande teórico do verso, que não somente clareou como serviu de guia a uma profusão de estudiosos da poesia, e que, além disso, dedicou grande parte de seu tempo ao estudo, tradução e análise de vários escritores, dos clássicos gregos e latinos aos brasileiros” (JUNQUEIRA, 2009).

Voltando à obra Do barroco ao modernismo, podemos destacá-la como a principal de Péricles Eugênio da Silva Ramos, ou, até mesmo, uma das melhores dentro da crítica literária brasileira. Nesta obra o poeta traz à tona um panorama crítico, desde o barroco ao modernismo da poesia brasileira. Péricles Eugênio passa por vários âmbitos e escolas literárias pertencentes à poesia brasileira, transformando esta obra, portanto, em um belo livro de formação para os estudantes de poesia. (JUNQUEIRA, 2009).

Pertencente a geração de 45, Ramos mais do que fazer e apreciar poesia, dedicou-se a teorizar sobre ela. Como poeta buscou compor um universo próprio “de cunho filosófico muitas vezes, que visa ao desvendamento do universo e à compreensão do homem em sua totalidade”, primando por uma linguagem poética “como uma forma superior de discurso (...) num rigor formal que poucos possuem”. (JUNQUEIRA, 2009).

Segundo suas próprias palavras, contidas na obra em análise, Ramos entende a geração da poesia à qual pertence, como “uma fase construtivista do modernismo” em que se buscava “uma poesia de expressão nítida”, em que “o sentimento se resolvesse em imagens” (RAMOS, 1979, p.269). Configurando assim uma poesia de expressão “disciplinada”, segundo teóricos da época; realizada por um grupo de poetas que não queriam apenas “repetir modelos ultrapassados”, mas sim “criar novas formas de expressão” (RAMOS, 1979, p.270). Lembrando que, deste grupo, destacou-se a figura do poeta João Cabral de Melo Neto. Famoso pela apurada atenção à construção poética.

Como crítico literário, Ramos integra o que Afrânio Coutinho chamou nos anos 60 de “nova crítica”, em seu livro “A crítica literária no Brasil”. Ou seja, uma crítica literária que se diferenciava devido ao seu “esforço por encontrar novos métodos e uma nova atitude para a crítica, na base do rigor científico e da análise da obra literária em si mesma, isto é, no seu valor estético intrínseco” (COUTINHO, 1968).

[...] a terceira fase, iniciada por volta de 1945, assiste a um esforço de apuramento formal e de recuperação disciplinar, abrindo novas experiências no plano da linguagem, tanto na poesia quanto na ficção (Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, Lêdo Ivo, Péricles Eugênio da Silva Ramos, etc.), mas é, sobretudo, no campo da crítica de cunho estético e a superação do impressionismo jornalístico, o que leva a designá-la de fase estética do

modernismo. (...) inspirados, também, na idéia da reavaliação estética da literatura e da autonomia do fenômeno literário, bem como de uma crítica estética, fundada na análise da obra em si mesma e de seus elementos intrínsecos, isto é, na aplicação de critérios estéticos à aferição das obras. (...) De modo geral, a nova atitude desacreditou a crítica exclamativa, procurando ensinar a ler a literatura, interpretar seu significado intrínseco, descobrir como a linguagem funciona na obra literária, em suma, o que é literatura, que existe nela e como atua (COUTINHO, 1968).

Com isso, pode-se perceber claramente que a análise realizada por Péricles em seus estudos é prioritariamente de caráter formal. Dado a sua atuação como poeta e também como crítico nesta linha, detendo-se com disciplina na análise dos métodos formais empregados pelos poetas analisados.

A análise de Ramos mostra-se altamente técnica, beirando ao formalismo, ou seja, representando uma análise, sobretudo da forma, mas sem desconsiderar outros aspectos que possam influenciar uma análise literária mais ampla, como os elementos biográficos, contextos históricos e sociais, bem como outras informações que o autor julga importantes como, por exemplo, possíveis influências sofridas por alguns poetas e as influências geradas por eles. Buscando, desta forma, traçar uma possível gênese de determinado estilo e/ou temática utilizados por alguns autores.

Tais características, sobretudo a análise mais formalista, tornam alguns de seus ensaios de leitura difícil e truncada, por tratar-se de estudos complexos, revelando técnicas de análise poética detalhadas como a escansão e análises de métrica. Mas tais ensaios permitem com que a análise vá a fundo à estrutura da poesia, embora exijam um leitor mais familiarizado com termos técnicos de análise poética.

Mas não é apenas a forma que predomina em suas análises, o fundo também é privilegiado, como nas belas análises da obra dos poetas Cassiano Ricardo e Cecília Meireles. Péricles Ramos apresenta uma breve análise de todos os livros do poeta, todos os dez livros publicados por este em vida. Num ensaio incrível, que analisa livro a livro todo o percurso de Cassiano. E também todas as obras publicadas por Cecília até a data da primeira publicação, em 1967.

UM PASSEIO PELOS LABIRINTOS DA POESIA

A apresentação da obra, ou melhor, sua divisão, chama prontamente a atenção do leitor por caracterizar uma interessante forma para uma historiografia literária, fugindo dos tradicionais métodos de organização e apresentação por períodos e estilos. Mesmo assim ela busca seguir uma organização cronológica, uma construção temporal linear, começando pelo barroco até o modernismo. Tal formato, em ensaios, não só rompe a tradicional forma deste tipo de obra como também permite um maior aprofundamento, como se a partir de cada ensaio, se abrisse um parêntese para maiores aprofundamentos teóricos e desenvolvimento de questões que mereceriam mais atenção e espaço. Bem como para dar destaque a alguns poetas que, de uma forma ou outra, pedem um olhar mais pausado.

Construída em forma de 28 ensaios, “Do Barroco ao Modernismo” não apresenta uma introdução propriamente dita, mas em seu primeiro capítulo sobre a poesia barroca, traz alguns importantes esclarecimentos da parte do autor sobre a metodologia utilizada para configurar inicialmente a obra. Apontando os caminhos escolhidos por entre as opções traçadas por historiadores anteriores. Assim, ele assume as posições escolhidas por ele para se colocar frente à problemática da periodização, por exemplo. E desta forma explicitar o caminho escolhido como

historiador diante das três posições básicas apontadas por ele:

Aceitando-se que nossa poesia não conhece o maneirismo, pois não existe no século XVI como desdobramento da Renascença, teremos, pois, para conceituar nosso Barroco (ou barroquismo), três posições básicas: 1) manter o barroco brasileiro desde Bento Teixeira até Cláudio Manoel da Costa (...); 2) estender os limites finais até os pré-românticos(...); 3) adotar o critério de limitar o barroco de Bento Teixeira até a fundação da Academia Brasileira dos Esquecidos. (RAMOS, 1979, p.7)

Ao evidenciar as possibilidades de posicionar-se frente à história literária, o autor estabelece um diálogo com a historiografia literária brasileira e passa a examinar uma a uma as possibilidades, escolhendo por fim a primeira opção:

Excluídas, pois as hipóteses 2 e 3, só resta a hipótese 1, aceitando a ideia de que nosso barroco se inicia com Bento Teixeira, isto é, com a Prosopopéia e o soneto de ecos, de sua autoria, e se estende até o advento das Obras de Cláudio Manoel da Costa, figura de transição (1768). (RAMOS, 1979, p. 9)

Tais colocações nos levam a refletir sobre o conceito de História, períodos e estilos incorporados pelo autor diante da construção de uma historiografia literária, e neste caso, a pensar sobre tais conceitos dentro da obra de Ramos. Pontos em que podemos identificar a carga de subjetividade de Péricles ao revelar a sua percepção particular como consciência histórica a filtrar o conhecimento e a rearranjá-lo.

[...] o conceito de História de um autor como Walter Benjamin: um sentido histórico subjectivamente selectivo, objectivamente relacionado, não com a 'totalidade', abstracta e inapreensível, de um tempo/momento histórico passado, mas antes com o carácter específico do presente do sujeito de consciência histórica, e vendo a História como um processo, não meramente aditivo, mas constructivo, não linearmente contínuo nem circularmente cíclico, mas descontínuo, 'quebrado' e complexa e contraditoriamente estratificado. (BARRENTO, 1986, p. 11)

Rejeitar a objetividade do passado histórico torna-se a tônica do historiador, neste sentido fala Barrento:

Se a história literária é a tentativa de reconstrução dum passado literário a partir de 'factos', afirma-se agora que a 'objetividade' dos fatos é sempre relativada, quer pela sua inserção numa trama de relações mútuas, quer pela intervenção manipuladora e selectiva dos sujeitos que, no presente e a partir de 'interesses de conhecimento', de experiências e de determinações históricas diversos, realizam essa 'reconstrução', num constante e sempre renovado esforço de 'compreensão' desse passado. (BARRENTO, 1986, p. 27)

Se “ao escrevermos histórias da literatura, em geral já existe um esquema de classificação”, como afirma Perkins, e se ao pensar sobre estas classificações os historiadores literários têm seus pensamentos “conformados por elas”, podemos dizer que os historiadores se veem pré-orientados por tais classificações. “A classificação é, de certo modo, anterior à literatura que classifica (...) Sua validade se confirma cada vez que os textos são lidos, porque ela assinala o que procurar e, assim, predetermina em certa medida o que será observado”. (PERKINS, 1999, p. 44).

O que por vezes pode remeter a um fazer ingênuo por parte do historiador. Fato que não procede no caso de Ramos. Nesse sentido, pode-se afirmar que ele não se resume em apenas

respaldar o que já foi dito por outras histórias literárias anteriores a ele. O autor busca refletir sobre o que foi apresentado historicamente e analisar tais posicionamentos e assim buscar conclusões próprias, seja no sentido de concordar, ou ir contra tais afirmações. Dando um tom bastante subjetivo a sua escrita, como podemos perceber na seguinte passagem:

E são muitos os críticos e historiadores que são João Cardoso foi um dos primeiros cultores de nossa poesia 'americana' ou indianista; um dos primeiros byronianos de São Paulo (...) finalmente, uma influência incontestável, tanto no ramo elegíaco, como no indianista e, também um elo na formação dos poetas românticos da segunda geração (...) Teve, assim, 'alguma vibração original na quadra juvenil', mas depois se tornou, como bem percebeu Antônio Cândido, 'um poeta árido e rotineiro'. (...) isso motivou pendularmente o diploma de nulidade que lhe passou Silvio Romero. Na verdade, João Cardoso não foi sempre um retrógrado, como afirma Silvio; foi-o na maturidade e na velhice, mas não em A Harpa Gemedora. Antônio Cândido viu isso corretamente. (RAMOS, 1979, p. 100).

A impressão que fica mais forte no leitor de “Do Barroco ao Modernismo” é a de um permanente diálogo entre Péricles e a história literária brasileira. Já no primeiro capítulo evidencia-se esta interessante característica da obra de Ramos, de buscar discutir o fazer historiográfico, ao trazer referências a outros críticos e obras historiográficas produzidas anteriormente, criando diálogos com estes. Visto por este ângulo, podemos perceber que agindo assim o autor constrói um tipo de meta-historiografia, ao fazer uma recuperação bem como uma reflexão em relação a história literária brasileira e o fazer historiográfico.

Ora, a história da poesia, para poder mostrar-se realmente proveitosa, tem de levar em conta não tanto os rótulos que se dão à poesia em determinado período, não tanto o que os poetas pretendem ou dizem fazer, mas aquilo que efetivamente fazem; o que se deve escalar é o estilo: só a comunidade dos traços estilísticos pode levar a reunir os poetas em correntes do mesmo nome. (RAMOS, 1979, p. 164)

Outro trecho em que Ramos salienta esta reflexão sobre a historiografia é no capítulo “A Harpa Gemedora”, no qual tece o seguinte comentário sobre o poeta João Cardoso:

Se na História da Literatura se fizesse apenas com as figuras exponenciais, não teria cabimento preparar uma edição de Poesias Escolhidas do Barão de Paranapiacaba. Mas, como bem advertia Amadeu Amaral, não são os grandes nomes, tão somente, que embasam as letras: 'toda literatura presupõe uma multidão de medíocres, e não só de medíocres, senão também de inferiores, de rudimentares, de falhados e de decadentes. Tanto mais pujante e luminosa ela é, tanto mais grossa a multidão rasteira. Esse mato baixo sustenta a indispensável camada de húmus, resguarda e entretém a vida incipiente das árvores destinadas à máxima expansão'. (RAMOS, 1979, p. 99)

“As histórias literárias são *construções* e não *reconstruções*” (...) “existem histórias literárias, mas não a história literária”, conforme lembra Schmidt, (1996, p.119). Péricles não explicita isso, mas de certa forma demonstra a presença de “diferentes histórias literárias” ao trazê-las para seu texto e dialogar com elas, para só então expressar a sua versão. Outra característica trazida por Schmidt é de que “em geral, histórias literárias podem ser tão multifacetadas quanto os historiadores que as escrevem” (1996, p. 116) e Ramos busca apontar outras faces da história da nossa poesia. É Schmidt que fala também sobre as “molduras teóricas” utilizadas pelo pesquisador, que determinam o olhar do observador. Conceito que perpassa a ideia de processo de seleção e organização e seu caráter subjetivo, permeado pela visão pessoal do sujeito e suas convicções. Percebendo o historiador como um sistema vivo de cognição.

TRADIÇÃO VERSUS RESSIGNIFICAÇÃO

Segundo Beutin, "a literatura acumula nos seus textos experiências históricas, não como simples documento de algo que existiu, mas antes como um potencial a relacionar de forma produtiva com as experiências de leitores actuais". Mas alerta que precisamos percebê-la não como verdade absoluta, e que "teremos de nos apropriar dela num processo de aprendizagem em princípio sempre aberto". A experiência histórica contida nos textos literários "só se torna realmente significativa na relação com um sujeito leitor e com as suas experiências específicas, enraizadas no seu próprio presente". (BEUTIN, 1986, p. 113).

Péricles a partir da tradição historiográfica apresenta reflexões próprias, reatualizando alguns significados, e até mesmo alterando outros, de acordo com o seu olhar sobre a história, a partir de seu contexto histórico. Sendo assim, o autor parece atender a proposta de Beutin de "trazer algo de novo para o terreno, carregado de tradição, da historiografia literária". Esta história que segundo o teórico não está pronta:

[...] esta história da literatura representa o investimento de um grande esforço. E ainda: ela não está 'pronta', e nisso se assemelha à forma estrutural daquelas obras duradouras de que se ocupa, e sobre as quais Bertold Brecht escreveu: Quanto tempo/Duram as obras? Duram/ Até estarem prontas./ Pois enquanto custam esforço/ Não morrem. (BEUTIN, 1986, p. 118)

Péricles, primeiramente, mostra-se um grande estudioso da história da literatura brasileira, manifestando em seus ensaios um diálogo permanente com estes outros críticos e suas historiografias. Ponto de extrema importância da obra, este constante diálogo com a historiografia literária brasileira faz com que, ao longo da maioria dos ensaios, Péricles traga citações e referências de outros críticos e historiadores, dialogando com estes, e posicionando-se, seja para discordar e levantar novas teorias ou para apenas reiterar suas colocações. O que se mostra de imensa valia para o leitor. Principalmente por possibilitar um panorama do que já foi dito a respeito. E assim, demonstrar a história como um espaço em aberto, em contínua construção. Mostrando como, a partir do olhar do passado, é necessário ressignificá-lo no presente, ou no caso, ressignificar algo do passado que aparentemente não foi amplamente compreendido, ou sofreu algum tipo de injustiça em seu tratamento. Como o faz em relação ao poeta Fagundes Varela em relação as críticas sofridas por ele.

O uso compenetrado de manuais, sem o conhecimento das razões e da história, leva a esses equívocos; o erro não é do poeta, e sim dos que o supõem errado em matéria de que Varela é naturalmente mestre, com sua própria e intuitiva capacidade poética. Essas infatilidades, contudo, têm sido repetidas sem discernimento nem ciência das particularidades e dos estilos da versificação romântica e parnasiana (...) Varela tem sido acusado de erros e defeitos que não possui, ou então que são comuns à coletividade romântica. Em geral, porém, os que falam de seus deslizes métricos não sabem do que estão falando. (RAMOS, 1979, p. 163).

Tal questão fica mais evidente, por exemplo, no capítulo em que o autor parte para a defesa de Cláudio Manoel da Costa, contrariando teses de historiadores e críticos literários anteriores. Poeta do qual foi organizador de uma edição de poemas lançada em 1966.

Basta dizer que, não entendendo determinados vocábulos de Cláudio, consideram-no obscuro ou sem sentido, em vez de procurar sanar essa deficiência com a medida mais aconselhada no caso: a consulta aos vocabulários da época. (...) Cláudio não é obscuro; é, às vezes, difícil, o que já é bem diferente, uma vez que, como dizia Mário de Andrade, 'Todo difícil é fácil; basta a gente saber'. (RAMOS, 1979, p. 40)

O terceiro capítulo destaca-se por ser montado e desenvolvido com o objetivo claro de defender o poeta de algumas “acusações” sofridas, as quais o autor julga improcedentes. Estabelece um diálogo com a história acerca de Cláudio Manoel da Costa, demonstrando seu imenso apreço ao poeta e sua obra e buscando dirimir possíveis contradições e falsas atribuições dadas a ele ao longo da história literária brasileira anterior.

Cláudio Manoel da Costa tem sido contraditoriamente atacado por seus restos de gongorismo, com tendência à grandiloquência, obscuridade e arvesamento, e ao mesmo tempo por sua simplicidade, tal como expressa no poema Vila Rica; fala-se em decadência, cansaço, perda de qualidades, quando no caso o poeta se prejudicou meramente por querer impor-se de fond em comble uma regra estilística a qual o seu temperamento – propenso ao sublime, como ele próprio sabia – não se adaptava. (RAMOS, 1979, p. 56)

É neste capítulo, em especial, que o autor tece duras críticas aos historiadores da literatura brasileira e críticos literários que ele entende terem realizado leituras errôneas do poeta mineiro, entre elas a de acusá-lo de ser pouco nacional. Ramos emite julgamentos pessoais frente a estes “erros” e parte em defesa do poeta que para ele é grafado como “o Poeta”, com letra maiúscula, demonstrando mais uma vez seu apreço pelo autor.

Ao pensar a questão da própria história da literatura, Péricles fornece importantes reflexões sobre o tema. Como pesquisador, estudioso, mas principalmente como amante da poesia e de sua história, Péricles permite que enxerguemos o processo de construção da historiografia e suas margens de erro. Ao falar de sua importância, ele demonstra o quanto é necessário que o historiador esteja por dentro de cada tema para falar com domínio e assim não cometer equívocos e injustiças. Pequenos detalhes que podem marcar para sempre a imagem de um poeta e sua obra.

“O tempo por si só não é critério”, pois “para situar a literatura no tempo, não chega o critério do tempo”. Sendo assim, “A tradição não se pode negar abstractamente, mas tem de ser criticada, de forma não ingênua e a partir da situação presente: deste modo o presente dá forma ao passado.” (1986, p. 31)

A ideia se aplica bem a obra analisada, pois Ramos parece rever toda a história da literatura para tecer suas observações sobre ela e lançar novas leituras, dando uma nova forma a este passado. Nisto vê-se a importância da obra do autor, como leitura crítica da história literária brasileira. Ao criticar o historiador Silvio Romero, demonstra esta postura crítica a questionar a própria história e vê-la de maneira dissociada, evidenciando seu caráter personificado. E revelando que por trás dos livros de história existem homens, sujeitos à mercê de suas opiniões e ideologias que muitas vezes não nos servem, mas que são importantes de ser evidenciadas e dissociadas de suas obras. Vendo os “narradores” por detrás do processo.

De Trajano declara Silvio Romero que foi 'o primeiro a dar ingresso à raça negra e cativos dessa raça em nossa poesia. Antes de Trajano um ou outro poeta havia de passagem tocado nos escravos pretos (...) Trajano foi adiante; colocou-se mais no íntimo do viver dos escravos e pintou tipos mais reais'. A história não foi bem assim, como vimos. Joaquim Norberto não tocara nos escravos pretos apenas de passagem; e de Sousândrade, que publicou antes, não é lícito afirmar que não se tivesse colocado no íntimo do viver dos escravos (...) é muito arriscado estabelecermos prioridades rígidas, como as que Silvio Romero fixa, dogmaticamente. (RAMOS, 1979, p. 98)

Como bem coloca a pesquisadora Regina Zilberman, ao falar sobre a figura de Silvio Romero: “Na *Introdução à história da literatura brasileira*, de 1881, desenvolve os princípios deterministas, ao propor que o elemento racial predomina na formação da cultura brasileira, destacando-se o processo da mestiçagem”. E assim enfatizando a raça como fator de formação, critério complicado ao ser aplicado em relação à produção literária e seus autores. “Contaminando a história da literatura de ideário político, torna-a efetivamente polêmica, objetivo que buscou e atingiu: as interpretações nem sempre são aceitáveis, a escolha de certos autores revela gosto duvidoso, as recusas parecem movidas pela afronta”. (2000, p.45)

A originalidade do fator adotado por Silvio Romero não exclui a incorporação dos preconceitos étnicos enunciados no final do século XIX o que alguns apontariam causa de algumas injustiças cometidas pelo historiador em sua obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Péricles, desta forma, busca romper com a ideia de totalidade da história literária, mostrando que outras versões dos fatos são possíveis de serem narradas, sob outra perspectiva diante do passado e seus resquícios. Demonstra também, que o papel do historiador é criar intimidade com todos os fragmentos possíveis acerca dos fatos a serem narrados, para assim buscar, de alguma forma, uma versão mais fidedigna da realidade, esta personagem que na verdade nunca se deixa ser apreendida, não de forma integral. Ao trazer outras versões dos fatos, por exemplo, o autor ajuda a criar um mosaico, rico de ângulos a serem vislumbrados pelo leitor. Não colocando a sua visão de forma impositiva e única, abre um debate sobre certos pontos, aos quais cabe ao leitor posicionar-se. Mesmo ao expressar suas opiniões ele o faz em forma de argumentações, de teses embasadas em fatos por ele descobertos, mas que não mudam o que já foi dito, apenas oferecem uma nova forma de olhar para a mesma história, contribuindo assim para o enriquecimento da narrativa historiográfica.

Desta forma a História representa uma “visão crítica e consciente do nosso lugar no tempo”, como nos fala Barrento (1986, p. 12). Péricles, como homem do seu tempo, deixou a sua contribuição à história da poesia brasileira, apontando para a necessidade de conhecermos bem o passado para só então poder reescrevê-lo e, assim, construir a nossa leitura de mundo. Neste sentido, a tradição é importante, mas apenas como ponto de partida, como mera convenção a ser questionada e história a ser reescrita.

“A organização de qualquer história da literatura terá inevitavelmente de passar por um processo de *selecção e valoração*, e chegar à definição, sempre controversa, de um *cânone*.” (BARRENTO, 1986, p. 25). Ramos aparenta passar pelo mesmo dilema e por fim parece estabelecer os seus cânones, ou aqueles que para ele merecem destaque frente à produção de um mesmo período, julgando terem oferecido uma maior contribuição artística como legado.

O livro fecha com chave-de-ouro, ao analisar a obra de Cassiano Ricardo e Cecília Meireles, dois “eleitos” do historiador para acompanhar suas trajetórias na arte poética. E assim mostrar toda a riqueza da produção literária em poesia naquele momento histórico, ilustrando com dois grandes poetas, representantes da poesia brasileira no momento em que o livro foi concebido.

A obra não se apresenta como uma história da poesia e sim como um apanhado de estudos sobre a temática da poesia brasileira, rompendo com os formatos tradicionais do gênero. Já em seu título evidencia o período histórico que compreendem seus ensaios: do barroco ao modernismo.

Situando o leitor em relação ao que encontrará em suas páginas. Ao todo a obra é composta por 28 ensaios escritos por Péricles Ramos.

O autor lança um olhar poético sobre seu objeto de estudo, a poesia. Em algumas passagens o leitor fica em dúvida se o que está lendo é teoria ou se é texto a apropriar-se da poesia. Como na passagem sobre a revista simbolista mineira *Horus* (1902):

Os dois números de Horus trazem no limiar oito excertos de Charles Morice, nos quais os poetas são considerados seres solitários, que devem exprimir-se individualmente com a ambição de nutrir de eternidade seus sonhos. A poesia é, segundo esses excertos, uma expressão da arte pela arte, portanto não utilitária, como se pode ver pelas palavras de Morice: 'Para quem pois, perguntam-nos, e por que escreveis? Mesmo que os rebanhos não existissem, os prados floresceriam, porque é seu destino. (RAMOS, 1979, p. 233)

Ou ao falar sobre as influências do passado, tão importantes na formação dos estilos seguintes:

As águas passam, mas deixam alguma coisa de seu murmúrio na lembrança das margens; da mesma forma, passam as correntes literárias, mas alguma coisa de seus programas característicos se transmite como herança, às vezes até despercebida, às gerações futuras. (RAMOS, 1979, p. 276)

Tal organização remete a um resultado harmônico, conduzido por mãos de maestro a dispor, como em uma orquestra, diferentes elementos e assim compor um corpo solidamente unificado. A deixar ao leitor a impressão final de um olhar atento sobre produção poética brasileira até então, como uma grande sinfonia.

REFERÊNCIAS

- BARRENTO, João. O regresso de Clio? Situação e aporias da história literária. In: *História literária: problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986. p. 9-31.
- BEUTIN, W. et alii. História da literatura: por que e para quê? In: BARRENTO, João. *História literária: problemas e perspectivas*. Lisboa: Apáginastantas, 1986. p. 111-118.
- COUTINHO, Afrânio. **Crítica e Poética**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1968.p. 115-157.
- JUNQUEIRA, João Francisco Pereira Nunes; PIRES, Antônio Donizeti . **Uma revisão da poesia de Péricles Eugênio da Silva Ramos: análise do ritmo e da imagem em Lamentação Floral**. In: XXI Congresso de Iniciação Científica da UNESP, 2009, São José do Rio Preto - SP. Anais do XXI Congresso de Iniciação Científica da UNESP: São Paulo. Disponível em: http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_32078962864.pdf
- PERKINS, David. História da literatura e narração. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, v.3, n.1, mar. 1999. Série Traduções.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Do Barroco ao Modernismo: estudos da poesia brasileira*. 2ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- SCHMIDT, Siegfried. Sobre a escrita de histórias da literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. p.101- 132.
- ZILBERMAN, Regina. Críticos e historiadores da literatura: pesquisando a identidade nacional. *Via Atlântica*. São Paulo, n.4, 2000. p.18-50.
- Científica da UNESP: São Paulo. Disponível em: http://prope.unesp.br/xxi_cic/27_32078962864.pdf
- PERKINS, David. História da literatura e narração. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, v.3, n.1, mar. 1999. Série Traduções.
- RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. *Do Barroco ao Modernismo: estudos da poesia brasileira*. 2ª ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- SCHMIDT, Siegfried. Sobre a escrita de histórias da literatura. In: OLINTO, Heidrun Krieger (Org.). *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996. p.101- 132.
- ZILBERMAN, Regina. Críticos e historiadores da literatura: pesquisando a identidade nacional. *Via Atlântica*. São Paulo, n.4, 2000. p.18-50.

